



**ENAN
PUR 2023**
Belém 22 a 26 de maio



JARDIM AMÉRICA EM GOIÂNIA-GO: OCUPAÇÃO PARA ALÉM DAS ÁREAS DO ESTADO E EXPANSÃO A OESTE

Sandra Catharinne Pantaleão Resende
UEG/PUC-Goiás

Sessão Temática 6: Cidade, história e identidade cultural

Resumo. A abordagem historiográfica de Goiânia visa compreender melhor o processo de ocupação territorial mediante a análise dos bairros cuja ocupação é datada entre as décadas de 1940 e 1950, atestando a intensa migração, comercialização das terras do Estado como meio de obtenção de recursos, além da conversão da terra em mais valia visto a pressão dos proprietários para que suas glebas fossem incorporadas ao perímetro urbano e, conseqüentemente, pudessem ser parceladas, permitindo, desse modo, a expansão do território goianiense. A partir dessas questões, a pesquisa caracteriza a forma urbana de Goiânia como resultante da somatória dos bairros e das áreas de ocupação irregular, conformando um mosaico urbanístico entremeado por áreas mais ou menos densas. Para o desenvolvimento da pesquisa, tem-se a proposição de uma periodização histórica em cinco momentos, com destaque à formação do Jardim América, localizado a oeste do núcleo original e importante subcentro da cidade, assim como observar seu papel na formulação de diretrizes de expansão urbana para a oeste nos anos 1960, além de ser um dos bairros mais populosos e possuir importantes eixos de estruturação urbana, que foram reforçados nas décadas seguintes conforme as legislações urbanísticas dos anos 1990 e 2000.

Palavras-chave. Goiânia; história urbana, análise histórico-morfológica; expansão urbana; mosaico urbanístico.

Jardim America in Goiânia-GO: occupation beyond areas of the state and the expansion to west

Abstract. The historiographical approach of Goiânia aims to understand the process of territorial occupation through the analysis of the neighborhoods whose occupation occurred between the 1940s and 1950s, attesting to the intense migration, commercialization of State lands to obtain resources and the conversion of land into added value because of the pressure of the owners so that their glebes could be incorporated into the urban perimeter and, consequently, could be divided, thus allowing the expansion of the territory of Goianiense. From these questions, the research characterizes the urban form of Goiânia because of many new neighborhoods and areas of irregular occupation, forming an urban mosaic with more and less dense areas. For the development of the research, a historical periodization is proposed in five moments, with emphasis on the formation of the Jardim América, located west of the original nucleus and important subcenter of the city, as well as observing its role in the formulation of guidelines for urban expansion to the west in the 1960s. In addition to being one of the most populated neighborhoods and having important axes of urban structuring, strengthened in the following decades in accordance with the urban laws of the 1990s and 2000s.

Keywords: Goiânia; urban history, historical-morphological analysis; urban sprawl; urban mosaic.

Jardim América en Goiânia-GO: ocupación más allá de las áreas del estado y la expansión hacia el oeste

Resumen. El enfoque historiográfico de Goiânia tiene como objetivo comprender el proceso de ocupación territorial a través del análisis de los barrios cuya ocupación data entre las décadas de 1940 y 1950, dando fe de la intensa migración, comercialización de las tierras del Estado como medio para obtener recursos, además de la conversión

de la tierra en valor agregado, la presión de los propietarios para que sus glebas pudieran incorporarse al perímetro urbano y, en consecuencia, pudieran dividirse, permitiendo así la expansión del territorio de Goianiense. A partir de estas preguntas, la investigación caracteriza la forma urbana de Goiânia como resultado de la suma de barrios y áreas de ocupación irregular, formando un mosaico urbano entre áreas más o menos densas. Para el desarrollo de la investigación, se plantea una periodización histórica en cinco momentos, con énfasis en la formación del Jardim América, ubicado al oeste del núcleo original e importante subcentro de la ciudad, así como observar su papel en la formulación de lineamientos para la expansión urbana hacia el oeste en la década de 1960, además de ser uno de los barrios más poblados y tener importantes ejes de estructuración urbana, fortalecido en las décadas siguientes de acuerdo con las leyes urbanas de los años 1990 y 2000.

Palabras llave: Goiânia; historia urbana, análisis histórico-morfológico; expansión urbana; mosaico urbano.

Introdução

A cidade de Goiânia, capital de Goiás, foi planejada na década de 1930 visando abrigar 50 mil pessoas, mas mediante as intensas migrações, consolidou-se como centro urbano entre as décadas de 1960-80, tornando-se metrópole regional e importante nó na rede urbana do interior do país, contando com mais de 1,3 milhões de habitantes, conforme dados censitários (IBGE, 2010). Ao longo de sua história tem passado por profundas transformações em sua paisagem, principalmente pela dilatação do território, caracterizada por uma urbanização difusa e ocupação espraiada. Ao longo de quase um século, ao revisitar suas fontes documentais, principalmente os documentos referentes aos bairros aprovados desde sua fundação até 1968, quando o Estado era o principal agente produtor do espaço urbano, consta-se a necessidade de revisitação de sua história a partir de uma periodização em cinco momentos, buscando compreender suas características atuais e as principais transformações ocorridas articuladas à própria estruturação urbana da cidade. Para tanto, mediante o levantamento de dados cartográficos e das fontes documentais dos bairros, é proposta a seguinte periodização: da cidade como cidade nova, tendo em vista seus genes e as ocupações não planejadas – entre 1933 e 1947, identificando as primeiras ocupações planejadas ou não; **a ampliação do espaço**, por meio dos sujeitos atuantes na produção do espaço urbano e a formação de fragmentos por meio dos bairros aprovados entre 1950-1964; **fragmentos e novos lugares** – a reconfiguração do espaço mediante o financiamento federal para projetos de ordenamento territorial – 1969-1975 e a constatação da dialética entre centro e periferia; **a expansão urbana** mediante as legislações e alterações do perímetro urbano além da aprovação e políticas de novos loteamentos em áreas periféricas (1975-1994) e, por fim, o **adensamento e constituição da região metropolitana**, considerando os últimos 30 anos.

Os três primeiros momentos propostos indicam a dinâmica de crescimento, desenvolvimento e adensamento da cidade, seus estágios morfológicos tendo em vista o processo de ocupação da cidade. Num primeiro momento, observa-se o controle do Estado quando ao parcelamento e ocupação das áreas que foram destinadas à construção da cidade e, posteriormente, as articulações entre agentes públicos e privados na expansão da cidade, principalmente a oeste, tendo em vista a incorporação de áreas contíguas ao núcleo original ao perímetro urbano e a atuação dos proprietários dessas terras visando sua comercialização. Desse modo, tem-se, no processo histórico de formação e estruturação de Goiânia, diferentes paisagens e representações sociais, uma vez que consideram-se os aspectos político-institucionais articulados aos econômico-fundiários que viabilizaram a construção de Goiânia, tendo em vista as legislações e comercialização de terras, além de ocupações não previstas no plano original, uma vez que a intensa migração corroborou na formação de áreas irregulares, notadamente nas imediações de Campinas e a Leste do núcleo original, repercutindo os aspectos socioespaciais. A compreensão da dinâmica urbana de Goiânia, ora exposta, ocorre pela análise das fontes documentais e especificamente, do Jardim América, tendo em vista sua relevância na estruturação de eixos viários leste-oeste, além de possibilitar a expansão planejada a oeste após o Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia de 1969, elaborado por Jorge Wilhelm.

Além do Jardim América, tem-se o estudo dos demais bairros que conformam o centro expandido da cidade buscando analisar o papel desses bairros, considerados como fragmentos urbanos, que

permitem atestar os cinco momentos de maiores transformações da cidade. Para tanto, é investigado o processo de ocupação do território, os modos de crescimento e expansão da aglomeração, as motivações e incentivos para tais fenômenos tendo em vista a atuação dos agentes públicos e privados, respectivamente, por meio das legislações urbanísticas e controle sobre a terra urbana e a conversão de áreas rurais em urbanas e comercialização de terras. Com isso, é possível analisar o espraiamento, a valorização do solo urbano, o adensamento e a difusa urbanização como aspectos inerentes à atual dinâmica urbana de Goiânia.

A análise do Jardim América contribui para a periodização ora pretendida, uma vez que é a partir desse bairro que tem-se a articulação entre as partes do espaço intraurbano por meio dos eixos viários, previstos na legislação de 1969 e implementados nas décadas de 1980-90, o que provocou um crescimento em extensão, resultando numa paisagem espraiada e fragmentada e maior adensamento da região Oeste de Goiânia, corroborando para a conurbação com municípios vizinhos além de um adensamento à medida que diversos conjuntos habitacionais foram implantados e programas de habitação nessa região nas últimas décadas.

A pesquisa apoia-se na revisão de autores que relatam a gênese de Goiânia e no referencial teórico-metodológico sobre análise urbana, com o intuito de analisar a inserção dos bairros no território e suas relações com os demais bairros que formam o Centro Expandido e caracterizam o mosaico urbanístico. A pesquisa, de caráter exploratório, busca por meio deste referencial, compreender as permanências e transformações da forma urbana relacionados à periodização proposta. A expansão não planejada de Goiânia a oeste e norte do Córrego Capim Puba e o processo das ocupações irregulares, como tratado por Gonçalves (2003), revela uma dinâmica de ocupação da cidade e da ação do Estado com aprovação de diversos bairros associada à promoção das glebas rurais como ações econômico-fundiárias, favorecendo os proprietários das áreas contíguas ao patrimônio adquirido para a construção da cidade.

Em específico, o artigo aborda as transformações dos dois primeiros períodos, considerando a documentação oficial e o período de concepção, construção e implantação de Goiânia, entre 1933 e 1947 e a aprovação de loteamentos nas décadas de 1940-50, culminando em diagnósticos acerca da ocupação acelerada da cidade por meio de estudos elaborados por Luís Saia (1959-62) e Jorge Wilhelm (1968-69), cujas contribuições refletem na expansão dos períodos seguintes, notadamente a expansão por eixos viários leste-oeste. Ressalta-se, nesse estudo, o papel dos bairros anexados ao perímetro urbano na década de 1950, apesar de suas aprovações datarem da década anterior, como os Setores Coimbra, Bueno e Jardim América. A compreensão das rupturas presentes na forma urbana e os vetores de expansão da cidade são observados nos bairros em estudo correlacionados aos momentos propostos na pesquisa. A periodização visa apreender as dinâmicas urbanas, o que denota também uma heterogeneidade do tecido urbano e seus distintos tempos históricos.

Destaca-se o Jardim América como crescimento contínuo às áreas pertencentes ao Estado, tendo em vista as condições topográficas e a tendência de expansão a oeste, data a presença da estrada de rodagem mais a norte, a Avenida Anhanguera e, mais a sul, da estrada de rodagem ligando Goiânia ao Sudoeste do Estado, atual Avenida Rio Verde. As dinâmicas das primeiras décadas de Goiânia, levaram a uma maior articulação entre o núcleo pioneiro, projetado por Atílio Correa Lima e, depois, redefinido com consultoria à Armando Augusto de Godoi a Campinas, sendo as terras entre esses dois espaços, áreas particulares. Ademais, a proibição, em 1944, de comercialização de terras pelos agentes privados, estimulou a ocupação de áreas na porção norte do município de Aparecida de Goiânia, reforçando vetores de crescimento no sentido leste-oeste.

Parte-se do pressuposto de que houve uma ocupação em extensão no eixo leste-oeste, em que o Jardim América possibilitou o espraiamento urbano, tendo em vista os parcelamentos posteriores e a condução da legislação urbanística em promover uma ocupação mais intensa a oeste. Observa-se, desse modo, que a ocupação inicial da cidade se articula a visão desenvolvimentista de estruturação urbana por meio dos eixos viários, em que a terra se valoriza e promove

mudanças na paisagem por meio da venda de loteamentos ou previsão de vazios urbanos como estoque de terras. Associa-se ainda a ideia de circulação, que conforme Secchi (2009) aponta corrobora para a diluição das formas urbanas tradicionais. A partir dessa análise, o presente artigo apresenta uma leitura histórica de ocupação do bairro a fim de analisar seu crescimento, o desenvolvimento e o adensamento, com maior ênfase a atuação político-institucional para torná-lo um pólo de desenvolvimento econômico e vetor de expansão urbana.

2. Legislação Urbanística e transformações da paisagem urbana

Segundo Gonçalves (2003), durante a década de 1940, Pedro Ludovico Teixeira proibiu loteamentos na zona urbana, bem como a formação de chácaras na zona suburbana de Goiânia para os próximos cinco anos, através do Decreto de Lei nº 11 de 1944. Pode-se afirmar que até então o Estado visava controlar o crescimento e direcionar o adensamento da cidade, privilegiando assim os Setores Central e Norte, para, em seguida, promover a ocupação dos setores Sul e Oeste.

A Planta de Urbanização de 1947 demarca o primeiro momento de expansão urbana da cidade, sendo um crescimento contínuo em que a mancha urbana se estende em todas as direções. Foram incorporadas áreas não previstas no plano original de Atílio Correa Lima, além de regularizar áreas invadidas, principalmente a Leste. Em seguida, houve uma pressão muito forte por novos loteamentos, tendo em vista o contingente migratório desencadeado na década seguinte. A partir desse momento observa-se um crescente número de loteamentos aprovados na cidade, demarcando a gênese da fragmentação urbana (figura 1). A cidade passa a crescer de forma desordenada.



Figura 1: Evolução dos loteamentos em Goiânia até 1959. Fonte: SILVA, 2016, adaptado pela autora, 2021.

Em 1952 (figura 2), foi aprovado o loteamento do Setor Jardim América, caracterizando uma expansão a sudoeste, o que já vinha acontecendo a partir do crescimento e desenvolvimento da região de Campinas do Setor Coimbra, áreas mais consolidadas. O Jardim América passou a compor a formação de áreas desconexas e pouco desenvolvidas, notadamente a sudoeste. O espraiamento urbano revela também o crescimento populacional que pressionou a formação de novas áreas urbanas, além de atender aos interesses do capital especulativo, levando à formação de diversos vazios urbanos entre as áreas mais consolidadas e aquelas em processo de formação, próximas aos limites urbanos.

Entre os bairros aprovados no decreto-lei nº 574 de 1947 (figura 3), tem-se o Setor Oeste, quando seu parcelamento foi oficializado apesar de sua ocupação ter sido mais efetiva nas décadas de 1950-60. Esse período corresponde ao segundo momento da periodização proposta, à medida que o trecho entre Goiânia e Campinas é ocupado, constituindo um crescimento contínuo a leste de Goiânia e a oeste de Campinas e a demarcação das barreiras presentes entre as duas cidades:

o Córrego Capim Puba. A análise dos elementos reguladores (PANERAI, 2006) presentes nessa região demonstra a primeira expansão do território e o processo de valorização fundiária que caracteriza a própria história de Goiânia, tendo em vista as ações especulativas dos agentes promotores do espaço urbano uma vez que foi incentivada a ocupação dessa área, mediante a venda dos lotes.

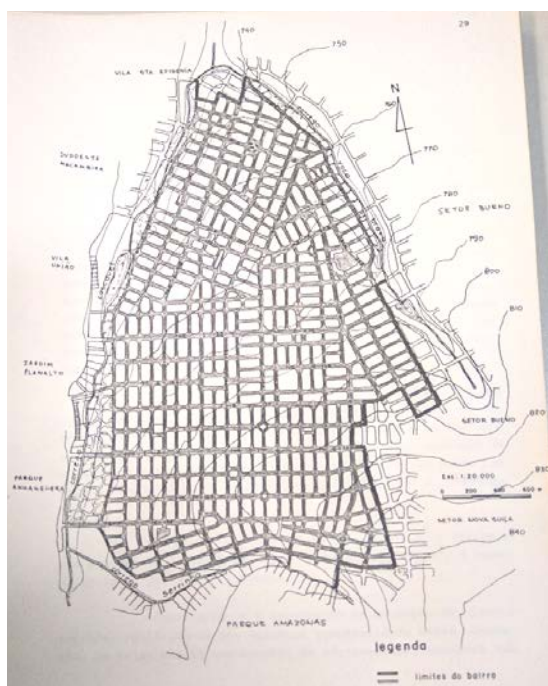


Figura 2: Planta Original do Jardim América. Fonte: Projeto Cura II, SEPLAM, década de 1970.

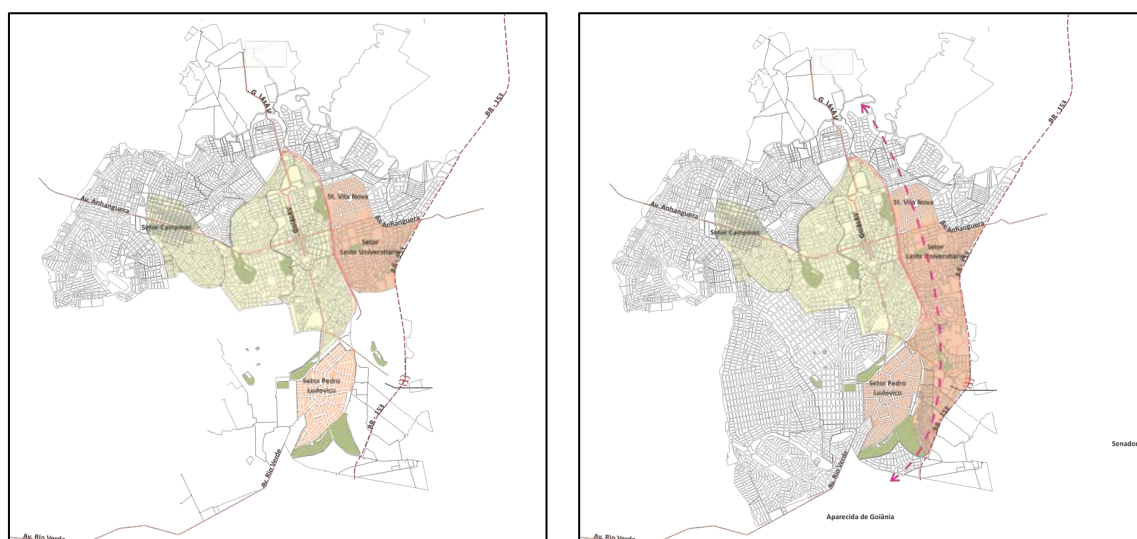


Figura 3: à esquerda: Bairros aprovados em 1947 (em amarelo) e acréscimo (em laranja): loteamentos em áreas do Estado a leste do Córrego Botafogo – Setores Leste Universitário e Setor Pedro Ludovico; à direita: Consolidação do vetor Norte-Sul em escala metropolitana a partir das diretrizes de ordenamento urbano, previstas no PDIG de 1969. Fonte: acervo da autora, 2021.

Desde meados dos anos 1960, a expansão de Goiânia ocorreu de forma “pulverizada”, quando diversos loteamentos foram aprovados nas regiões periféricas da cidade, sem quaisquer preocupações com infraestrutura e articulação efetiva com a mancha urbana central. Este crescimento foi guiado pelos interesses privados, que, a partir desse momento, passou a ditar os rumos de ocupação da capital, pressionando o Estado, pela aprovação desses loteamentos desprovidos de infraestrutura, denotando a presença do capital financeiro.

Dessa forma, até meados dos anos 1960 (figura 4), foram aprovados a maioria dos loteamentos existentes em Goiânia. Ao longo das décadas seguintes (figura 5), outros loteamentos foram aprovados, alcançando os limites do município.

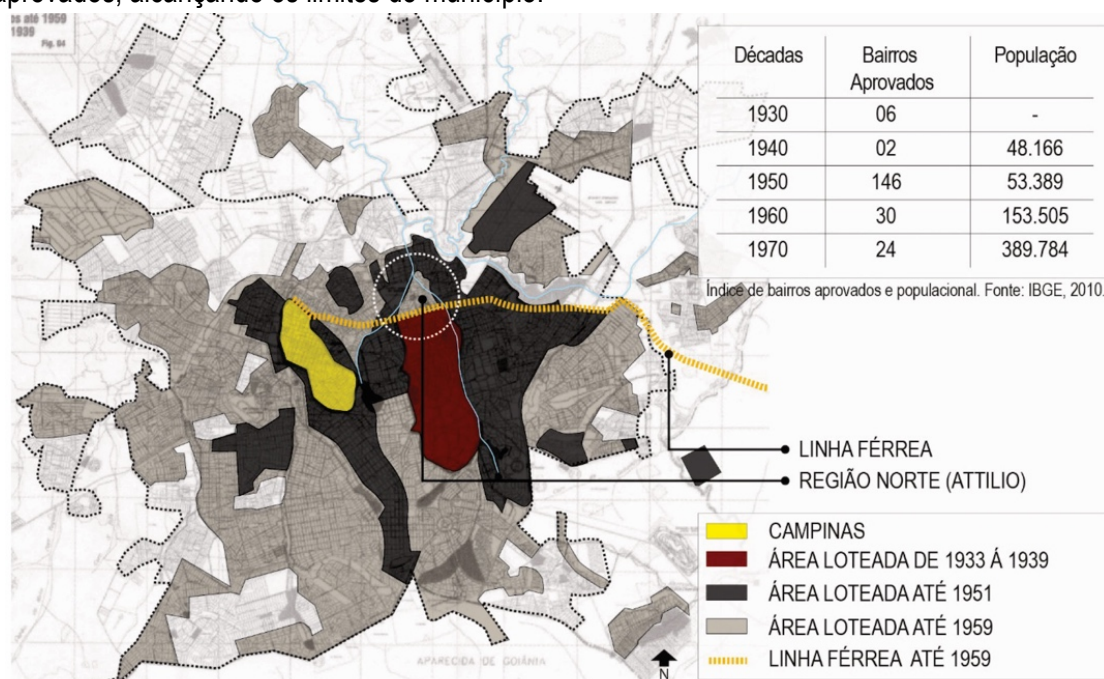


Figura 4: Bairros aprovados por década 1930-1959 e elementos de estruturação urbana. Fonte: Brandão, 2017.

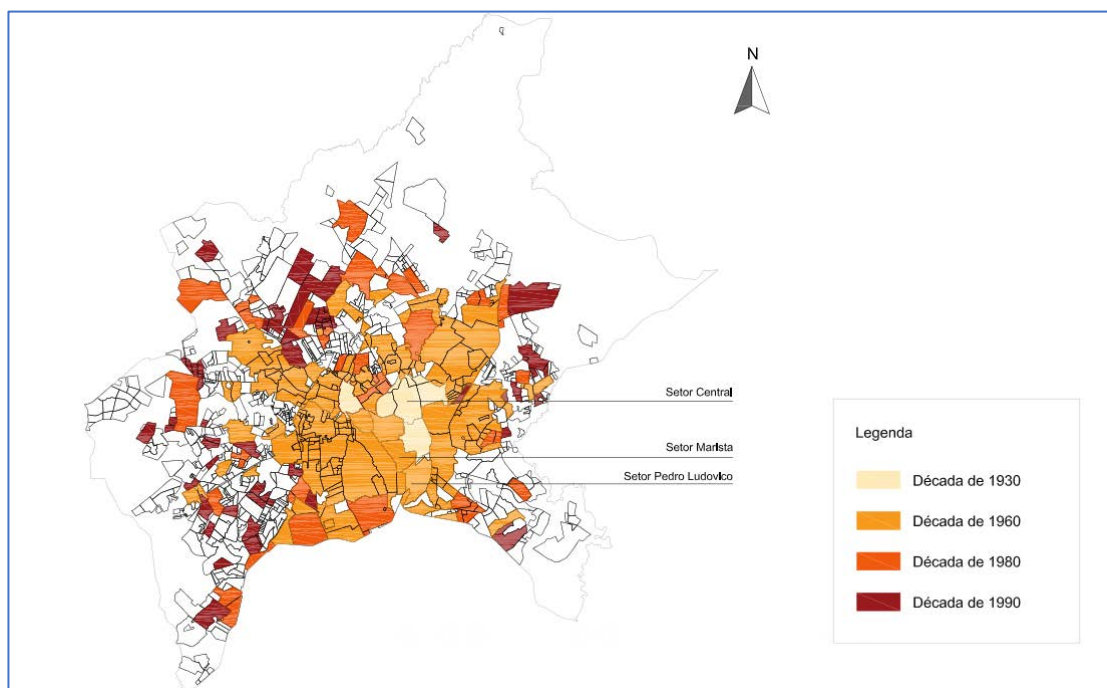


Figura 5: Manchas de crescimento – bairros aprovados entre 1930 e 1990. Fonte: elaborado pela autora, 2017.

Ao mapear o crescimento urbano por meio dos loteamentos aprovados entre 1930-1990, percebe o vetor de crescimento a sudoeste, tendo em vista suas características físicas, além de permitir uma extensão da malha de modo contínuo pela ausência de barreiras mais efetivas, as quais são mais efetivas a norte e a leste do Córrego Botafogo. Com isso, promoveu-se a expansão urbana “controlada” ao direcionar seu sentido, no entanto, houve a valorização de algumas partes dessa região, que ficaram a mercê dos interesses do capital especulativo (figuras 6 e 7), mediante a

atuação político-institucional, direcionando o crescimento a oeste, mediante os eixos viários estruturantes, perpassando pelos bairros Setor Oeste, Jardim América, Setor Coimbra, entre outros.

Visando um maior ordenamento territorial e busca por financiamento federal, o PDIG também estabeleceu a necessidade de controlar a expansão urbana tendo três diretrizes principais: estruturação do sistema viário a fim de articular os fragmentos; conjuntos habitacionais nas áreas periféricas, levando a ocupação mais efetiva da zona suburbana do que da urbana e, por vezes, a ocupação de áreas rurais, como na Região Norte. O sistema viário torna-se o principal elemento regulador de crescimento da cidade, favorecendo o “estoque de terras” por meio de vazios urbanos, levando a significativas mudanças no perímetro urbano entre 1971-1984, face às legislações específicas aprovadas pelo município.

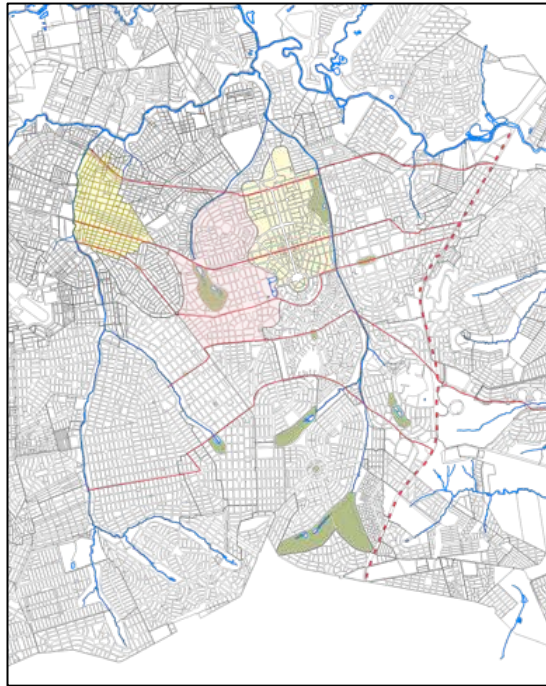


Figura 6: Vias estruturais de Goiânia – consolidação do eixo leste-oeste, perpassando pelos bairros localizados entre os núcleos pioneiros Campinas e Setor Central. Fonte: elaborado pela autora, 2021.

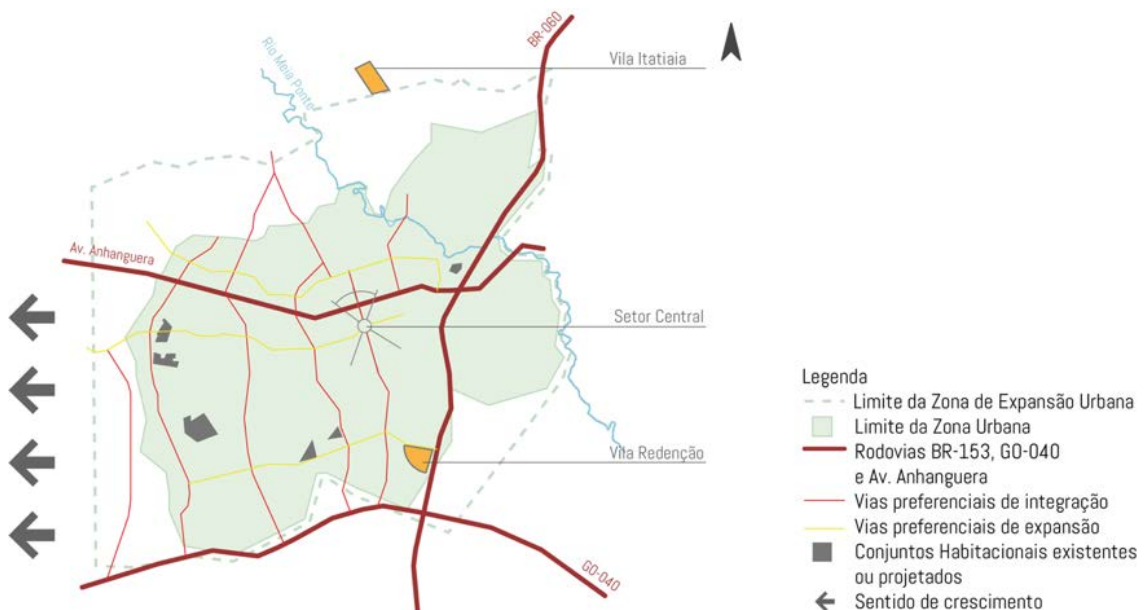


Figura 7: Perímetros Urbanos, esquema de ocupação e expansão previstos no PDIG de 1969 com destaque ao fortalecimento do eixo leste-oeste. Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Ao longo dos anos 1980, houve maior ocorrência do crescimento descontínuo, notadamente nas áreas suburbanas, levando a um crescimento completamente descentralizado e, em alguns casos, concentrado nos limites do município. Pode-se dizer que é um período em que as articulações entre os municípios começaram a se manifestar espacialmente, contribuindo para a fragmentação do território.

Por outro lado, o PDIG de 1992 observa dinâmicas intraurbanas e a formação de subcentros, definindo áreas especiais de desenvolvimento econômico, como, por exemplo, o reconhecimento histórico do núcleo pioneiro e estímulo à ocupação do Jardim América reforçando o eixo leste-oeste (figura 8).

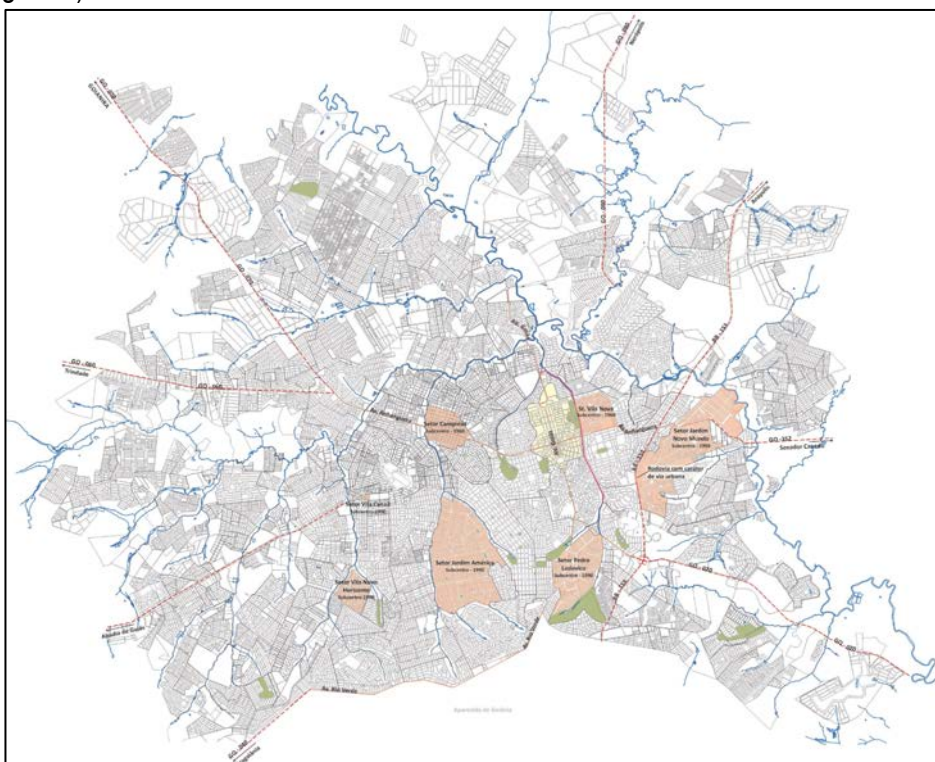


Figura 8: Definição dos subcentros de Goiânia pelo PDIG de 1992. Fonte: Veloso e Zárate e Pantaleão, 2018.

O Jardim América assumiu seu papel de centralidade, sendo considerado área de adensamento e desenvolvimento econômico, mesmo que sua ocupação ainda seja de baixa densidade, com predomínio de residências unifamiliares e lotes acima de 360,00m². É importante destacar também a presença do novo Plano Diretor de Goiânia, aprovado em 1994, definindo o zoneamento na cidade, e, dessa forma, contribuiu de forma expressiva no adensamento de áreas mais periféricas de Goiânia. Por ser considerado como área de desenvolvimento econômico foram estimuladas também as mudanças de gabarito dos Setores Bueno e Nova Suíça, corroborando para a valorização do trecho em estudo. Hoje, grande parte dessa área, tem-se usos mistos, demonstrando a importância do bairro para a região em que se insere.

Verifica-se que a legislação urbanística corrobora para a valorização da terra, além de possibilitar a especulação imobiliária, o que favorece a ação de empreendedores imobiliários na produção do espaço urbano, uma vez que estes passaram a deter de estoque de terras entre o núcleo central da aglomeração e esses loteamentos implantados nas franjas urbanas.

3. Da Fazenda Macambira Anicuns a pólo de desenvolvimento: o papel do Jardim América

e os eixos de estruturação urbana

O setor Jardim América surgiu a partir do desmembramento do antigo Setor Macambira que, em 1951, deu origem também ao Setor Sudoeste. É hoje um dos maiores bairros de Goiânia, localizado a oeste do centro e que desempenha importante papel para a Região Sudoeste, sendo um pólo de desenvolvimento econômico, ou seja, uma centralidade em Goiânia (figura 1).

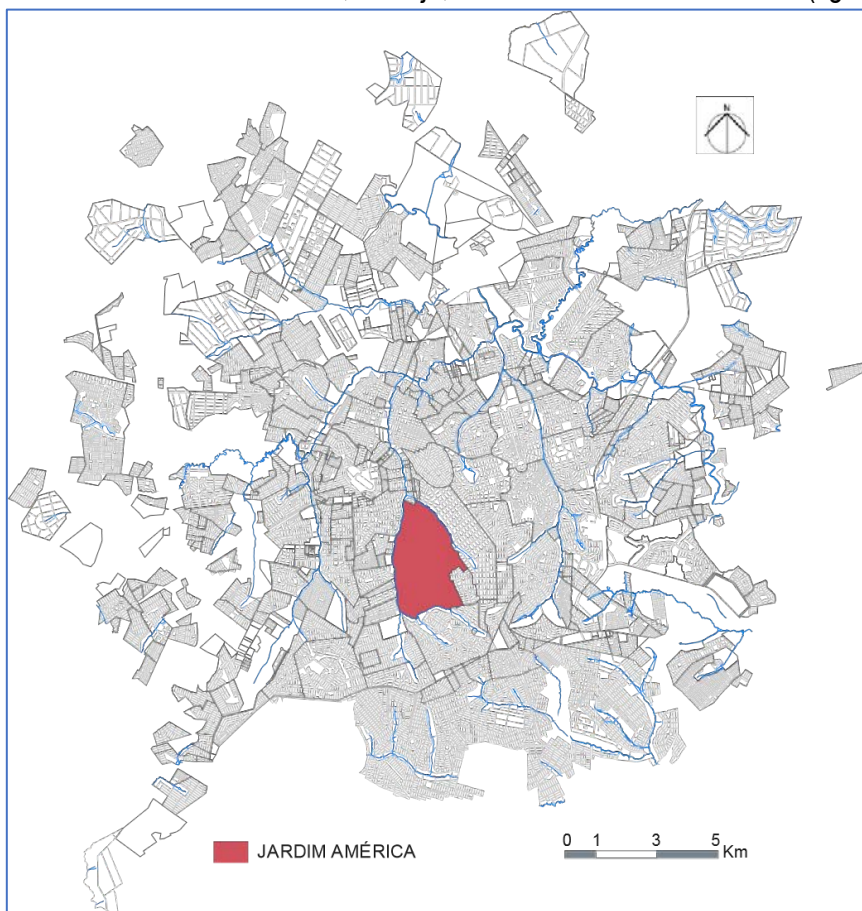


Figura 9: Localização do Jardim América em Goiânia. Fonte: Mapa Fácil de Goiânia, 2016, com adaptações da autora, 2021.

O Jardim América atraiu moradores que se depararam com a ausência de infraestrutura e baixo valor da terra, caracterizando uma ocupação rarefeita até meados dos anos 1960. Tal realidade foi se modificando devido à sua proximidade com outros setores mais ocupados e dotados de infraestrutura, como o Setor Bueno e Setor Nova Suíça, fator que contribuiu para a aceleração de seu crescimento e valorização fundiária, além das modificações urbanísticas, uma vez que houve definições de ordenamento territorial no PDIG de 1969 quanto ao desenvolvimento da cidade e controle da expansão urbana por meio dos eixos viários, sistema de transporte público e implantação de conjuntos habitacionais em áreas periféricas.

Em Goiânia, o planejamento urbano pautado pelos eixos viários (OREFEITURA DE GOIÂNIA, 1969) possibilitou o crescimento das regiões mais afastadas das áreas centrais. A consolidação das Avenidas T-7, T-9 e T-63, como eixos viários leste-oeste, permitiu o espraiamento mais intenso da cidade e ocupação dispersa da região oeste, principalmente. Essas avenidas são consideradas vias estruturais de grande importância tanto para os bairros em que se localizam quanto para a região metropolitana como um todo, sendo linhas de crescimento que impulsionaram o desenvolvimento da região sudoeste da cidade. Como consequência, houve a dispersão do território, em que uma parcela da população se deslocou para áreas mais afastadas, culminando

em novas áreas de desenvolvimento urbano. Se de um lado, a dinâmica urbana esteve atrelada à ocupação dispersa, por outro, o crescimento da cidade tornou-se incontrolável pelos mecanismos de planejamento vigentes que, por sua vez, seriam pautados na racionalidade e funcionalidade. Tudo isso mostra que “[...] a dinâmica capitalista teve enorme peso para a determinação da configuração espacial urbana tradicional e foi um fator decisivo, também, de sua transformação.” (PANTALEÃO; ZÁRATE, 2014).

Com uma ocupação mais tímida e localizada a norte, o Setor Jardim América recebeu inicialmente uma forte influência de setores mais consolidados da cidade, em especial de Campinas e do Setor Coimbra, como pode ser observado em sua ocupação na década de 1960 (figura 2). Ainda com um caráter periférico essa ocupação começa a estabelecer um sentido norte-sul, no qual ultrapassa a barreira do córrego Vaca Brava.

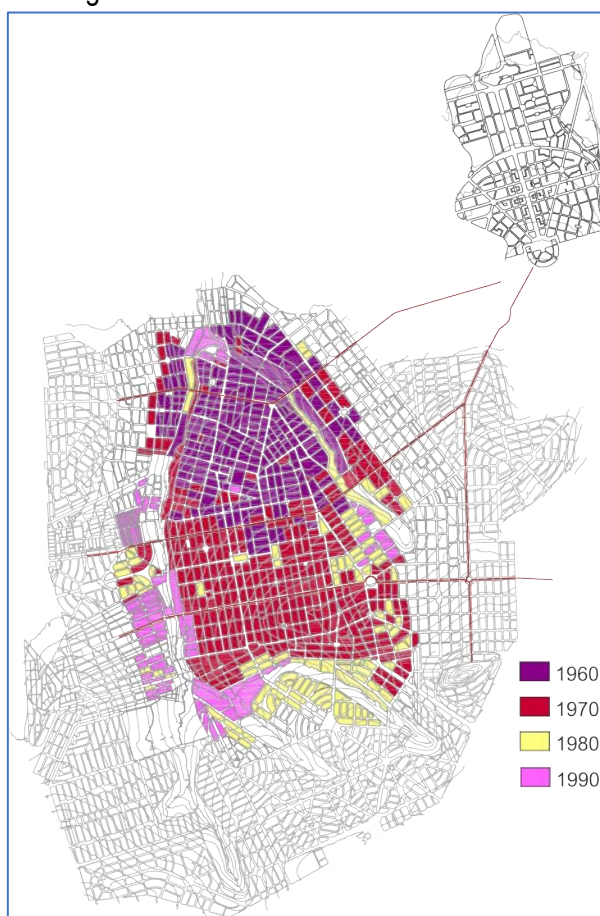


Figura 10: Evolução da ocupação do Jardim América. Fonte: SEPLAM, 2017. Organizado pela autora, 2021.

Nas décadas de 1970-80, houve uma movimentação por parte dos agentes públicos em buscar alternativas do ordenamento territorial por meio da expansão urbana controlada. Como estratégias, adotou-se, o crescimento urbano por meio do sistema viários, propondo eixos pelos quais os deslocamentos ficariam concentrados, indicando também a implantação do sistema de transporte público. Entre 1969 e 1984 foram aprovadas diversas medidas por meio de legislações que possibilitaram a implantação desses eixos viários, trazendo assim a ocupação de regiões mais periféricas da cidade e criando polos de crescimento. Para viabilizar tal expansão, o perímetro urbano foi revisto e modificado (figura 3) entre as décadas de 1930 e 1990. A partir desse momento, a Região Sudoeste passa a se destacar, em especial o Jardim América, que se estabelece como fragmento de articulação entre as áreas já ocupadas, entre Campinas e Setor Coimbra e as regiões alvo de novos parcelamentos.

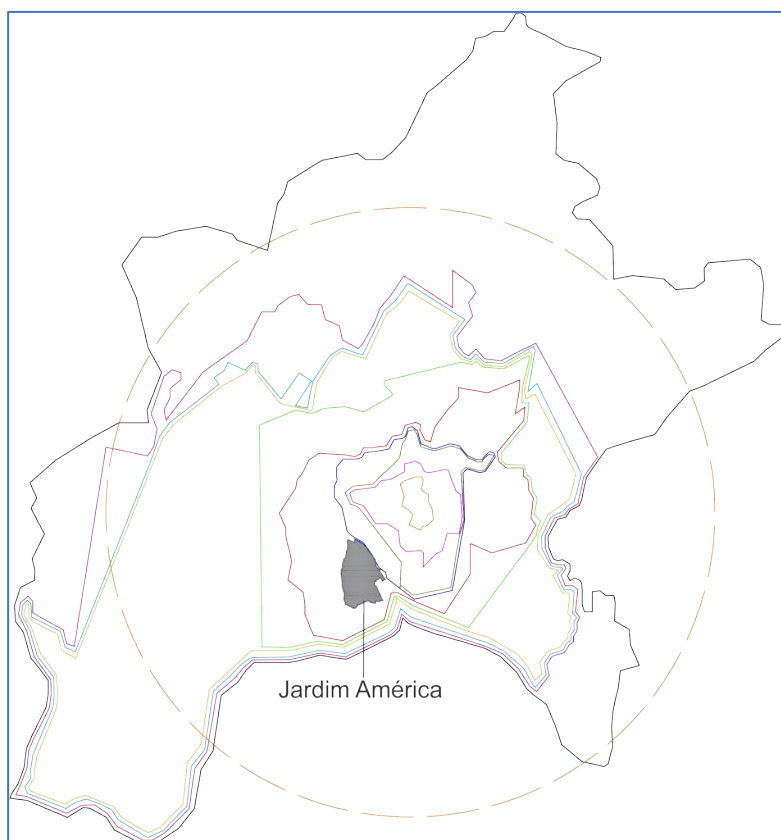


Figura 11: Planta da evolução do zoneamento do município de Goiânia, conforme as legislações urbanísticas 1933-1992. Fonte: GOIÂNIA, 1992 com modificação da autora, 2021.

O Jardim América, teve seu loteamento aprovado em 28 de novembro de 1952 pelo decreto-lei nº 185. Inicialmente foi ocupado em sua porção norte, mais próximo a Campinas e os bairros já existentes e localizados em suas adjacências, como o Setor Coimbra. Observa-se que a incorporação do Jardim América ao perímetro urbano ocorreu nos anos 1970, demonstrando as primeiras ações do ordenamento territorial, proposto no Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia de 1969.

Com base na análise urbana de Panerai (2006), o tecido urbano do Jardim América pode ser caracterizado como consolidado, apesar da heterogeneidade de ocupação, visto que houve áreas ocupadas de forma irregular e outras mais valorizadas ao longo do tempo. Prevalece em sua ocupação uso residencial e de baixa densidade. Ao longo dos principais eixos viários concentram-se comércio e serviços, demonstrando a importância destes para a estrutura do bairro.

A dinâmica de ocupação, somada às constantes pressões por parte dos donos de terras, contribuíram para mudanças no perímetro urbano de Goiânia entre 1971 e 1984 (figura 4) e o bairro passou a ser considerado como uma área de desenvolvimento econômico no PDIG de 1992, conduzindo, em grande parte, à configuração da paisagem urbana das décadas seguintes. Vislumbra-se que o Jardim América, inicialmente visto como bairro periférico foi moldando-se como uma nova centralidade, permitindo a articulação entre a área histórica e os loteamentos aprovados nos últimos 40 anos na Região Sudoeste, hoje a mais populosa da cidade. Além de sua importância para o desenvolvimento e ocupação da Região Sudoeste, pode-se afirmar que, a nível metropolitano, torna-se um importante pólo de crescimento, notadamente pelos eixos norte-sul que interligam Aparecida de Goiânia, Goiânia, Trindade e Goianira.

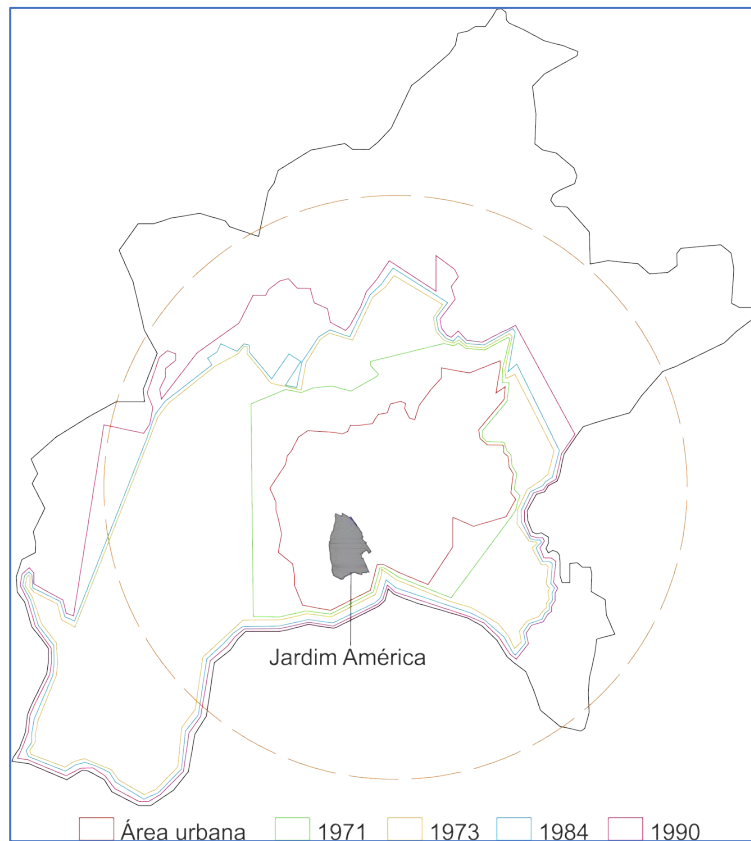


Figura 12: Planta da evolução do perímetro urbano do município de Goiânia. Fonte: GOIÂNIA, 1992 com modificação da autora, 2021.

Conforme o censo do IBGE (2010), o bairro ocupa a primeira posição no ranking dos setores mais populosos da cidade desde 1991, com cerca de 41.012 habitantes. Dessa maneira, destaca-se a importância da análise sobre o crescimento e desenvolvimento do Jardim América, tendo como foco a região compreendida entre as Avenidas T-9 e T-63 (figura 5). A análise desse trecho se justifica pela própria legislação urbanística que, desde 1969, tem buscado definir eixos de estruturação urbana para uma possível expansão urbana controlada. No entanto, verifica-se uma fragmentação do próprio bairro, em que essas vias assumiram o papel de barreiras ou limites, conforme descreve Panerai (2006), para, depois converterem-se em linhas de crescimento e polos de desenvolvimento econômico.

A partir de sua aprovação até o ano de 1961, observa-se que, embora o traçado proposto para o Setor tenha sido implementado, houve uma pequena ocupação de forma não uniforme, que até então era de caráter periférico. Esta ocupação, apesar de não uniforme, se justifica principalmente ao norte do mapa, próximo ao Setor Coimbra, devido à dinâmica da região de Campinas e Setor Coimbra, bairro que faz divisa com o Jardim América a norte (figura 5). A parte central e a Sul mantiveram-se vazia até meados dos anos 1980, quando os eixos ou linhas de crescimento leste-oeste estimularam a ocupação nas quadras adjacentes.

Dessa maneira, percebe-se que o adensamento do Jardim América é derivado da ocupação já existente do Setor Campinas, que foi se expandido a sul até ultrapassar o limite imposto pelo córrego Vaca Brava. Nesse período, nota-se que o trecho proposto para estudo, entre os eixos T-9 e T-63, se encontra praticamente sem nenhuma ocupação, a qual ocorreu mais tardiamente, numa dinâmica articulada à verticalização do Setor Bueno e a abertura da T-63, consolidando a porção norte com características morfológicas distintas das ocupações iniciais e mais expressiva a partir dos anos 1980-90.

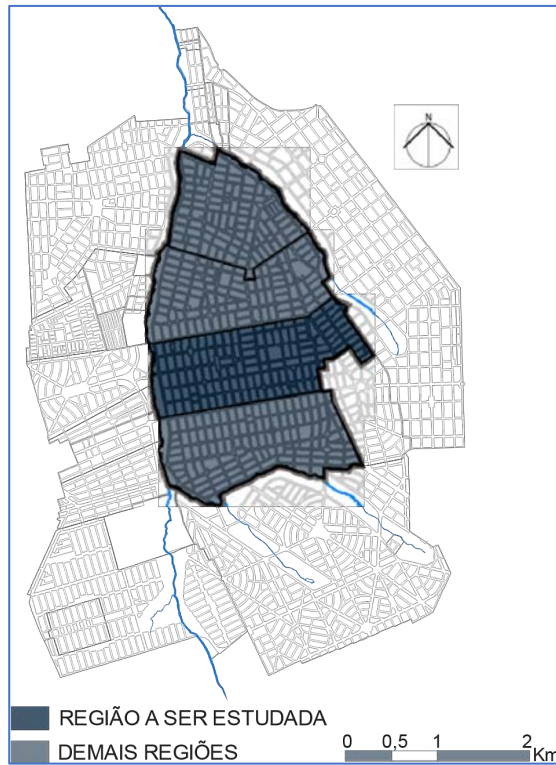


Figura 13: Regiões de estudo no Jardim América. Fonte: Mapa Fácil de Goiânia, 2016, modificado pela autora, 2021.

Até 1968, a ocupação deste Setor se concentrou a norte, ainda de maneira não uniforme (figura 6). Ao comparar as imagens aéreas de 1961 e 1968, houve uma maior ocupação, ainda que prevalecesse uma grande quantidade de lotes vazios, caracterizando assim um baixo adensamento. Neste período, o trecho estudado começava a ser ocupado, juntamente com as primeiras ocupações do Setor Bueno, bairro mais próximo ao centro consolidado.

Observa-se também a ocupação das margens dos córregos que delimitam fisicamente o setor Jardim América, sendo em muitos casos, ocupações irregulares, o que resultava em áreas de risco com diversos problemas, desde os sociais aos ambientais (figura 7).



Figura 14: Foto aérea do Jardim América em 1961. Fonte: SEPLAM, 2017, organizado pela autora, 2021.



Figura 15: Foto aérea do Jardim América em 1968. Fonte: SEPLAM, 2017, organizado pela autora, 2021.

O PDIG de 1969 apresentou como diretriz principal controlar o crescimento urbano. Uma das indicações de seu diagnóstico residia em direcionar o crescimento da cidade para sul e sudoeste, tendo como ênfase a reestruturação do sistema viário e a implantação de equipamentos de grande porte e urbanização de fundos de vale. Dessa forma, a cidade passou por um processo de reordenamento territorial, com seu crescimento e adensamento assistidos, mesmo que as ações dos agentes privados estivessem concomitantes às ações do poder público. Como desdobramento, as diretrizes dessa legislação incentivavam a ocupação dos bairros periféricos, em especial, o Jardim América, resultando num grande adensamento do bairro, possibilitando assim uma configuração urbana distinta aquela de 1968, apresentando uma estrutura mais consolidada (figura 8).

Entre os anos de 1975 e 1988, observa-se a continuação da ocupação em todo o território, e por consequência, uma modificação nas áreas verdes presentes, principalmente, ao redor dos córregos que delimitam a área do Jardim América. Houve uma diminuição considerável em suas reservas nativas, devido à ocupação que começou ao redor desses córregos, muitas vezes de forma irregular: residências passaram a se instalar nos fundos de vale, principalmente do córrego Cascavel, que representa uma barreira de expansão urbana (PANERAI, 2006).

Aliado ao crescimento intenso do bairro, o sistema viário teve papel fundamental, mediante a consolidação de dois eixos estruturais principais: as Avenidas T-7/C-4 e Avenida T-9, localizadas na porção norte. Essas vias impulsionaram não apenas o desenvolvimento do setor em si, como também possibilitaram estabelecer uma maior articulação entre as áreas centrais e aquelas que se pretendia adensar, além de ultrapassar a barreira do córrego Cascavel (figura 9). Havia o incentivo à expansão urbana, tendo esses eixos como linhas de crescimento e, em suas adjacências, polos de crescimento com a instalação de grandes equipamentos.



Figura 16: Foto aérea do Jardim América em 1975. Fonte: SEPLAM, 2017, organizado pela autora, 2021.

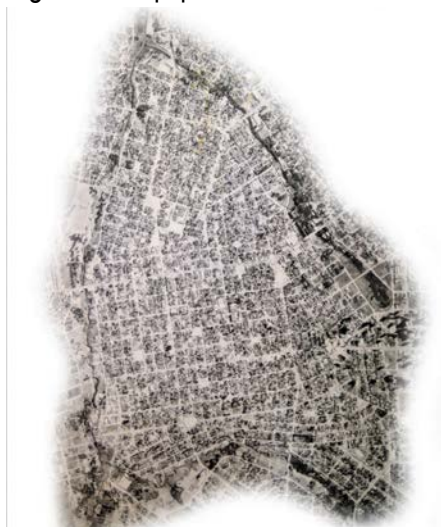


Figura 17: Foto aérea do Jardim América em 1988. Fonte: SEPLAM, 2017, organizado pela autora, 2021.

No início da década de 1990, o Jardim América possuía características bem próximas à paisagem atual (figura 10). Pode-se dizer que nesse período, houve a consolidação de uma terceira via estruturadora ao setor, que também ultrapassou a barreira natural – córrego Cascavel: a Avenida T-63. Esta, em consonância com as Avenidas T-9 e Avenidas T-7/C-4 caracterizam e articulam os bairros que se localizam mais a sudoeste da capital, induzindo assim um maior desenvolvimento dessas regiões periféricas. Se até então o Córrego Cascavel era uma barreira, torna-se um pólo de crescimento, tendo em vista a canalização de algumas de suas áreas e,

portanto, potencializando uma melhor articulação com Campinas e bairros localizados mais a noroeste.



Figura 18: Foto aérea do Jardim América em 1992. Fonte: SEPLAM, 2017, organizado pela autora, 2021.

A partir da década de 1970, é possível observar uma ocupação crescente em toda a região do setor, se mostrando de forma mais consolidada, ainda possui a presença do sentido norte-sul de expansão, mas agora com um foco maior em sua porção oeste, atingindo o limite estabelecido pela barreira do córrego Cascavel. Tal ocupação foi induzida também através da implementação do PDIG de 1969, o qual propôs reestruturar e direcionar o crescimento da cidade para a região sul e sudoeste, tendo como ênfase o sistema viário. Nesse período também se estabeleceu uma série de ocupações irregulares em áreas verdes pertencentes aos córregos que delimitam o Jardim América.

A consolidação dos eixos estruturais do sistema viário também possibilitou o maior adensamento que o setor foi submetido entre 1970 e 1980, avenidas como T-7/ C-4 e T-9 possibilitaram o desenvolvimento do próprio setor como também a interligação com os demais loteamentos que seriam inaugurados a partir daí. Já na década de 1990, o Jardim América já se mostrava próximo sua atual configuração, apresentando uma ocupação por todo o território, e com a instalação do terceiro eixo estrutural viário, a Av. T-63, passou a desempenhar também um papel de centralidade, proporcionando uma articulação entre os bairros históricos mais antigos da cidade e os novos loteamentos aprovados nessa época.

4. Considerações finais

A cidade contemporânea é alvo de constantes mudanças, sendo uma delas a expansão urbana, devido à ocupação e adensamento das áreas periféricas. O estudo de sua dinâmica vincula-se à historiografia da cidade, suas permanências e transformações, além de constatar a importância do estudo dos bairros como elementos de estruturação urbana, ainda que seja um processo de fragmentação do território, isto é, um mosaico urbanístico. Ao longo do tempo, diversas mudanças ocasionaram as alterações do projeto original, a saber: o adensamento populacional e a expansão urbana, ainda que os traços iniciais do núcleo pioneiro permaneceram, houve modificações

consideráveis em sua fisionomia. Notadamente, desde os anos 1970, a legislação urbanística tem estimulado sua expansão, visando o desenvolvimento urbano. Com isso, o caráter de ocupação urbana tendeu a um crescimento espraiado, disperso e fragmentado. A verticalização, a criação de novos bairros, a apropriação e a valorização dos espaços verdes e espaços em estado de obsolescência são essenciais para compreensão de sua historicidade.

O PDIG de 1969 foi implantado a partir da expansão “controlada” das áreas periféricas à medida que a estrutura urbana era pautada por meio de equipamentos, grandes eixos viários e urbanização de fundos de vale, atribuindo importante papel ao Jardim América, conforme atestado na legislação urbanística de 1992/94, reconhecido como subcentro e principal indutor de crescimento da região sudoeste nos últimos trinta anos. Hoje, o bairro tem apresentado uma nova transformação, ainda que incipiente, tendo em vista a recente aprovação do Plano Diretor liberando o adensamento de diversos corredores de transporte público além de incentivar a verticalização dos bairros mais centrais.

As principais mudanças da fisionomia de Goiânia foram moldadas nos anos 1970, quando a legislação urbanística enfatizou os aspectos econômicos para o desenvolvimento da cidade, mantendo as características das áreas centrais e a promoção de novas áreas para ser urbanizadas, mediante o ordenamento territorial por eixos viários. Nesse contexto, o Jardim América passa a desempenhar um papel de centralidade urbana, permitindo a valorização de bairros do seu entorno, tais como o Setor Bueno e Setor Nova Suíça nos anos 1980-1990 tendo em vista a implantação dos eixos viários e o adensamento dessas regiões.

O levantamento dos dados estão em fase de sistematização, permitindo a elaboração da cartografia histórica de sua ocupação e caracterização de sua morfologia ao longo do tempo, em que há diferentes ambientes morfológicos neste bairro, notadamente aqueles que mantêm as feições originais, áreas localizadas mais a norte e uma maior dinâmica a sul, devido à sua centralidade e articulação entre o centro expandido e a região sudoeste e sul.

4. Referências

ALVARES, G. T. **A luta na Epopeia de Goiânia: uma obra de engenharia nacional: documentário histórico, técnico, descritivo.** São Paulo, 1942.

COSTA, F. V. **Um ornitorrinco no cerrado:** Bairros populares e outros pioneiros na formação e expansão urbana em Goiânia. Dissertação (Mestrado em história), Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2016.

CORDEIRO, N. A. **Goiânia: evoluções do plano urbanístico.** Goiânia: Composição Artes Gráficas e Editora, 1989.

COSTA, F. V. **Um ornitorrinco no cerrado:** Bairros populares e outros pioneiros na formação e expansão urbana em Goiânia. Dissertação (Mestrado em história), Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2016.

GOIÂNIA, Prefeitura de. **Plano Diretor de 2007.** Goiânia: SEPLAM, 2007.

GOIÂNIA, Prefeitura de. **Plano Diretor de 1992, vol. 1 e 2.** Goiânia: SEPLAM, 1994. Disponível em:

http://www.goiania.go.gov.br/Download/legislacao/diariooficial/1994/do_19941223_000001316.pdf

GOIÂNIA, Prefeitura de. **Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia - PDIG de 1969.** Goiânia: SEPLAM, 1969.

GONÇALVES, A. R. **Goiânia: uma modernidade possível.** Brasília: Ministério da Integração Nacional / UFG, 2003.

- LIMONAD, E. Reflexões sobre o Espaço, o Urbano e a Urbanização. **GEOgraphia**, v. 1, n. 1, p. 71-91, 9 set. 1999. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13364>
- MANSO, C. F. A. **A URBS e os seus problemas**: uma lição de urbanismo na trajetória profissional de Armando Augusto de Godoy. 2018. 448 f., il. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- MARX, M. **Cidades no Brasil, em que termos?** São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- MONTEIRO, O. S. N. **Como nasceu Goiânia**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.
- MORAES, S. de. **O Empreendedor Imobiliário e o Estado**: O Processo de Expansão de Goiânia em Direção Sul (1975-1985). Brasília: Universidade de Brasília, 1991. (Dissertação de Mestrado Arquitetura e Urbanismo).
- MOYSES, A. **Goiânia: Metrópole não planejada**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2004.
- RIBEIRO, M. E. J. **Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes**. Goiânia: Ed. UCG, 2004.
- PANERAI, P. **Análise Urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo: razão e emoção. 3ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- TREVISAN, R. **Cidades novas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020.
- ZÁRATE, H. V.; PANTALEÃO, S. C. Análise da fragmentação urbana em Goiânia o Caso do Botafogo. **Estudos** (Goiânia. Online), v. 41, p. 137-154, 2015.